

Clima de tensão

Haroldo Hollanda

Na avaliação formulada no dia de ontem por políticos de várias tendências, os candidatos Leonel Brizola e Fernando Collor de Mello seriam os nomes que reuniriam no momento melhores condições de ascender ao segundo turno. Fazem a ressalva, contudo, de que não se surpreenderiam se Lula e Covas chegassem lá, embora reconheçam que as possibilidades do candidato do PSDB sejam mais remotas e que o representante do PT foi freado no seu crescimento pelo escândalo conhecido como Lubeca. Quanto a Silvio Santos, as opiniões se dividem: há os que acham, partindo de várias indicações, que o empresário de televisão não ultrapassa a barreira representada pelo julgamento do TSE, que negaria o registro de sua candidatura. Mas outra corrente sustenta o ponto de vista de que melhor seria se o TSE desse o registro, porque nesse caso Silvio Santos não figuraria como vítima, desaparecendo assim um fator que poderia contribuir para tumultuar ainda mais o quadro político. O deputado baiano Luiz Eduardo Magalhães, do PFL, é um dos que pensam assim. Julga mais conveniente a manutenção de Silvio Santos porque, no seu entender, o candidato no final acabará tendo uma votação ridícula. O senador Marco Maciel acha que o TSE não assumi-

rá sozinho a responsabilidade de impedir o empresário de ser candidato. Deixará que o julgamento em torno de Silvio Santos seja feito pelo povo, no dia das eleições.

O grupo de centro-esquerda, conhecido como Novo-PMDB, informalmente, esteve ontem reunido no café do Senado. Seus integrantes consideram conveniente aguardar o julgamento do TSE para, a partir do próximo fim de semana, ter uma visão mais abrangente e completa da realidade. Advertem, porém, que se ficar caracterizada uma ameaça de dois candidatos de direita chegarem ao segundo turno, procurarão, de imediato, mobilizar as chamadas forças "progressistas" para a prática do voto útil. O clima entre os políticos é de nervosismo. O senador Jarbas Passarinho, do PDS, diz para Cláudio Lembo, candidato a vice de Aureliano, que tenta disfarçar, mas seu sobrecenho está cada vez mais tenso e contraído. Ambos mostram-se preocupados com o que irá acontecer ao País depois das eleições, dada a ausência de solidez nos nossos partidos políticos.

A iniciativa de vários governadores do PMDB, inclusive de Álvaro Dias, do Paraná, de fazer com que o partido trocasse de candidato, substituindo Ulysses por Covas,

recebeu ontem sua pá de cal numa reunião realizada em Curitiba. O governador e o ex-prefeito de Curitiba, Roberto Requião, tentaram sensibilizar o partido para a tese do apoio à candidatura Covas, mas foram rechaçados pela maioria do Diretório Regional, num movimento de rebeldia comandado pelo deputado Hélio Duque. O senador gaúcho José Fogaça, da direção do PMDB, diz que no partido não há clima para um apoio ao senador Mario Covas, candidato do PSDB.

Alega que ele saiu do PMDB atirando em todos os que permaneceram no seu antigo partido, o que deixou mágoas e ressentimentos ainda recentes. O senador Rui Bacerlar, que esteve em campanha na Bahia no último fim de semana, com Ulysses, diz que seu partido está disposto a estabelecer uma aliança com o PSDB, desde que ela se faça em torno do candidato do PMDB. Propõe que se Ulysses não chegar ao segundo turno, o PMDB reúna seu diretório nacional para decidir quem o partido irá apoiar no lance final e decisivo da sucessão presidencial. Finalmente, Oscar Corrêa não aceitou, como advogado, defender junto ao TSE a candidatura Silvio Santos, o que daria respeitabilidade à causa do empresário.

JORNAL DE BRASÍLIA

08 NOV 1989